

Nordeste: Desafio aos luteranos!

O texto que segue inicialmente não foi escrito com vistas à publicação. Trata-se de uma compilação de trechos de dois relatórios feitos para a Faculdade de Teologia. Mesmo assim, solicitados a divulgar nossas experiências, julgamos importante compartilhá-las com os leitores de Estudos Teológicos, na esperança de que sirvam como um estímulo de reflexão e questionamento de nossa tarefa como igreja de Cristo no Brasil.

**Roberto E. Zwetsch
e Remo Mützemberg**

— 1 —

A idéia de estudar e passar algum tempo no Nordeste não surgiu de repente. foi crescendo pouco a pouco, desde os tempos de colégio, quando ouvia falar das secas periódicas que assolam o Nordeste do Brasil, dos sofrimentos que causavam ao seu povo, dos retirantes, severinos retirantes fugindo do sertão, como foi tão bem descrito pelo poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto em seu "Morte e Vida Severina". Um dia ouvi algo sobre um bispo da igreja católica romana que levantava ousadamente sua voz em defesa dos pobres. Tratava-se de Dom Helder Câmara. Quis muito conhecê-lo, ouvi-lo de perto, de viva voz. Assim o Nordeste e sua gente se tornaram uma necessidade imperiosa.

Em outubro de 1973 dirigi então ofício ao Corpo Docente da Faculdade de Teologia, solicitando permissão para estudar no ITER (Instituto de Teologia do Recife). Eram as seguintes as razões que apresentei naquela oportunidade:

- a) aproveitar a oportunidade que o intercâmbio de estudantes oferece para entrar em contato mais direto com a teologia católica, isto é, num diálogo concreto com professores e estudantes do ITER;
- b) examinar criticamente a contribuição valiosa que a teologia católica tem a oferecer à teologia evangélica;
- c) entrar em contato mais de perto, "in loco", com a realidade de uma das regiões mais críticas social-econômica e politicamente do país;

- d) conhecer e participar do trabalho de evangelização e conscientização inédito desenvolvido pela Igreja Católica no Nordeste;
- e) intensificar o intercâmbio entre esta Faculdade e aquele Instituto de Teologia, já iniciado em 1972, incentivando mais colegas a aproveitar da oportunidade que é oferecida por ambas as instituições.

Foram estes cinco pontos que me orientavam durante todo o tempo que passei no Nordeste. O diálogo de que falei se concretizou naturalmente, já que havia abertura de ambos os lados, uma aceitação e compreensão muito grandes. O lugar privilegiado foi, sem dúvida, a sala de aula onde encontrei uma reflexão muito séria e até certo ponto ecumênica. As divergências de pensamento e pontos de vista por vezes geraram polêmica. Recordo-me especialmente das aulas de sistemática onde tratamos o assunto bastante quente da graça e do pecado, que supõe uma visão antropológica definida, uma compreensão do evangelho, um conceito de pecado, provavelmente distintos, questões estas que nos remetem diretamente ao problema da justificação, central para a teologia evangélica, surgindo daí não raro discussões acaloradas. Sinto não ter tido em mãos naquela oportunidade o Relatório de Malta, pois acredito que suas colocações bastante esclarecedoras de como anda o diálogo ecumênico em nível mundial nos teria sido de enorme auxílio.

Mas o diálogo não se restringiu à sala de aula. Aconteceu sempre de novo nas conversas informais com os colegas, nas muitas visitas que fiz e, principalmente, com os padres Reginaldo e Pedro, com quem vivi durante os doze meses de Recife. Aí, no ambiente do dia a dia, da comunhão concreta, porque repartia o pão, a vida, o salário, idéias, angústias, dúvidas, esperanças, anseios, momentos de alegria e saudade, aí, nessa comunhão de irmãos unidos pela mesma fé no Cristo Libertador, salvador dos pobres e humildes, que nos chama ao arrependimento e à luta de libertação do povo, aí o diálogo se mostrou como um caminho autêntico para a unidade de que fala o evangelho de João, cap. 17. Quando se vive as mesmas dificuldades e os mesmos anseios, parece-me que muitas das barreiras doutrinárias antigas vão sendo vencidas. É como se fosse um só o espírito e o coração. E no Córrego da Merda (era o nome popular do lugar onde morávamos), os anseios comuns eram servir o povo de uma maneira autêntica, segundo o evangelho. Por esta razão, viviam os padres no meio do povo do córrego, nas mesmas condições, com o mesmo salário, cheios de fé e de alegria pela oportunidade de sentir na "carne" a vida daquele povo.

No ITER escolhi das matérias oferecidas aquelas que mais me interessavam. A estrutura de estudo do ITER é um pouco diferente da nossa. O estudo é dividido em unidades cada uma com duração de 6 semanas. Cada unidade compõe-se de duas matérias, com duas horas de aula por dia cada uma. No final da unidade o estudante apresenta ou um trabalho escrito de no mínimo sete páginas sobre um tema da matéria estudada, ou faz uma prova previamente elaborada pelo professor.

De um modo geral, todo estudo e reflexão teológica que se faz no ITER "quer manter uma estreita relação com a ação pastoral desenvolvida na Região". Sua orientação é predominantemente pastoral. Como afirmou o porta-voz da turma de concludentes de 73: "O ITER não é uma escola com a finalidade de aumentar o número de bacharéis ... O ITER é apenas caminho ... Ele ajuda ao indivíduo a procurar a verdade (não promete que vá encontrá-la). Ele proporciona critérios para ir ao encontro da liberdade. Mas ele traz inquietações, traz angústias". Foi bem o que senti muito durante o tempo todo. Pois a situação do Nordeste por si só fala, clama e o teólogo de olhos abertos não pode furtar-se a refletir sinceramente sobre o que vê e ouve.

Não obstante esta linha geral, no ITER se procura desenvolver um estudo com bom nível científico, através do estudo pessoal, das aulas e dos trabalhos escritos para cada matéria estudada. No fim de todo o curso, cada estudante apresenta um trabalho de maior envergadura, além de prestar exames sobre as últimas unidades cursadas.

Não se pressupõe o estudo das línguas antigas (grego e hebraico). A exegese bíblica se vale dos textos já traduzidos. O curso que fiz sobre o Apocalipse era traduzido de viva voz na sala de aula. A partir daí, o professor fazia as considerações exegéticas havendo oportunidade para perguntas.

Para a pesquisa e investigação pessoal é praticamente necessário o conhecimento do francês, como entre nós o alemão. A Biblioteca do ITER, em fase de organização naquela época o que causava muita dificuldade na busca de literatura, deve ter uns 50% de literatura francesa. Depreende-se daí a influência da teologia francesa no pensamento católico especialmente no Nordeste. Como o ITER não oferece cursos de línguas, muitos estudantes recorrem à Aliança Francesa no Recife, por conta própria. Mas um bom número só se vale do português e espanhol para seus estudos, o que sem dúvida restringe de certo modo as possibilidades de pesquisa e aprofundamento teológico.

Pude notar, contudo, que em matéria de teologia, a Igreja Católica já realizou muito no Brasil. Realmente já existe um acervo de obras teológicas em português não só traduzidas mas também de teólogos brasileiros como Leonardo Boff, João Batista Libânio, e outros, bastante grande e muito valorizado no ITER, servindo como subsídio importante dos estudos. Mesmo as obras de teólogos estrangeiros residentes no Brasil, como por exemplo do Pe. Comblin (hoje fora do Brasil), do Frei Carlos Mesters, do Pe. Eduardo Nornaert, e outros, revelam uma pesquisa séria sobre a vida e a ação da sua igreja no Brasil. Considero estes trabalhos um desafio para nós evangélicos de confissão luterana que nos gabamos do nível teológico de nossa formação e assim somos rápidos para criticar os irmãos católicos, mas lentos para apresentar publicamente, em obras coerentes, nossa própria reflexão teológica, como alternativa e auxílio para o aprofundamento das questões que a realidade brasileira nos coloca a ambos. Talvez o problema para nós evangélicos de confissão luterana resida na nossa precária visão da realidade humana, social e política em que, como igreja, nos inserimos. Não podemos mais deixar o tempo passar, enquanto ficamos tranqüilamente voltados, quase que unicamente, para os nossos problemas internos (intra muros), desconhecendo ou às vezes nem dando ouvidos aos gritos de Abel, que clama aos céus, para nos despertar de nosso sono secular.

Apreciei de modo especial a inclusão no currículo de cursos como a Teologia do Desenvolvimento, a Pedagogia do Oprimido, um curso de Antropologia Religiosa com duração de duas semanas, sob a orientação de um jesuíta da Universidade de Lima, Peru, Pe. Manuel Marzal, especialista em Religiosidade Indígena e Popular. Estes cursos de fato proporcionaram elementos para uma reflexão teológica em vista da realidade da sociedade e povo brasileiros, especialmente nordestino. O que podemos aprender do ITER neste aspecto? Como situar nossa reflexão tomando como referência a realidade brasileira? como fazer uma teologia autóctone? Os cursos que mencionei constam do currículo, como a última unidade de cada semestre, não sendo portanto considerados secundários, antes partes integrantes do estudo de teologia, na busca de pistas para responder as verdadeiras perguntas, as verdadeiras questões que devemos confrontar. Atualmente, inicia-se aqui em São Leopoldo uma nova experiência com os seminários do CAET (Curso de Aprofundamento e Especialização Teológica), que perfazem a segunda parte do curso de teologia. Espero que nesses seminários se possa criar as condições necessárias para ajudar a responder as perguntas que levanto neste relatório, que aí se possa iniciar um processo de reflexão autóctone, aborígene. Uma reflexão que seja

tão séria e fundada que possa contribuir para uma mudança de mentalidade e de atitudes, que tanto se faz necessário em nossa igreja, ainda grandemente marcada por rígidos traços étnicos que mais impedem do que ajudam a cumprir a missão que nos está proposta pelo evangelho do qual somos portadores, para que assim haja autêntica abertura para o povo da terra, para a ação ecumênica. Creio que tal mudança deve começar conosco, teólogos e pastores, cuja incumbência hoje é servir ao povo de Deus na qualidade de profetas. Profetas que como Oséias saibam dizer aos homens: "Misericórdia quero, e não sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos, diz o Senhor" (6,7).

Durante o ano de 1974 participei ainda de um grupo ecumênico, a Equipe Fraternal, do qual faziam parte pastores, padres e alguns leigos de diversas igrejas (católica, presbiteriana, episcopal, menonita e luterana). Juntamente com o Pastor Albérico Baeske, representava a IECLB. Este grupo se auto-define como:

- um grupo de cristãos de várias igrejas, trabalhando juntos na base da fraternidade cristã.
- tem como alvo superar as diferenças confessionais anunciando o evangelho da salvação em Jesus Cristo.
- procura apresentar a Palavra Salvadora de Jesus Cristo em termos reais e concretos para a vida de hoje.
- quer servir no desenvolvimento de uma comunidade cristã, na qual haverá ajuda mútua para solucionar os problemas do povo do lugar.
- a igreja é uma só. Nosso esforço tem em vista uma tomada de consciência dessa unidade da Igreja de Cristo.

Senti um grande clima de amizade, de confiança, de compreensão e de aceitação no grupo. A vivência e a oração comum me pareceram os pontos altos dessa experiência verdadeiramente ecumênica, pois não fica na mera festividade de cultos ecumênicos públicos, embora aí ficasse restringida quase que estritamente aos líderes das igrejas. As reuniões eram feitas de 15 em 15 dias, em Olinda, na casa de um monge beneditino.

A solidariedade do grupo foi testada quando da prisão do ex-pastor metodista Fred Morris, membro antigo do grupo. A Equipe Fraternal naqueles dias se empenhou corajosamente por sua libertação e integridade pessoal, durante todo o tempo dramático de sua prisão, correndo inclusive sérios riscos. Os cultos de oração e vigília foram a meu ver uma experiência única naqueles dias turbulentos e cheios de apreensão. Fred Morris acabou depois de duas semanas expulso do país como "persona non grata", sem direito a julgamento.

Como morei num bairro a 45 minutos de ônibus do centro de Recife, vale a pena contar alguma coisa sobre aquela gente. O córrego fervilha de gente. É formado por 3 morros que formam uma espécie de "U" dentro do qual de distribuem desordenadamente as casas feitas de taipa (pau-a-pique). Não há ruas, mas caminhos feitos pela água da chuva. Há muitos coqueiros, mangueiras, jaqueiras e outras árvores que dão um aspecto colorido e alegre ao lugar. As crianças são os risos e as correrias de sempre. Pobres, mal vestidos, porque em Recife se pode viver só com um calção e uma camisa o ano inteiro devido ao clima ameno constante (entre 20 e 27 graus o ano todo).

Dona Nair foi minha lavadeira. Mulher muito simples, sorridente, quando se notava a falta dos dentes, mãe de sete filhos, 32 a 33 anos, viúva. Quando no início do ano combinamos o preço que ela iria cobrar pela lavagem da minha roupa, sugeri Cr\$ 40,00 mensais, uma trouxa por semana. Ela não aceitou. Para minha surpresa, alegou que era muito, que Cr\$ 30,00 bastavam, e que então eu ainda pagasse o sabão. Fiquei boquiaberto. Sua atitude calou fundo. Pensei então nos empresários, comerciantes, financistas, especuladores, banqueiros, que certamente não poderiam entender uma atitude como esta. Lembrei-me então da viúva pobre da Bíblia, de quem Jesus disse: "Em verdade vos digo que esta viúva pobre depositou no gasofilácio mais do que fizeram todos os ofertantes. Porque todos eles ofertaram do que lhes sobrava; ela porém, da sua pobreza deu tudo quanto possuía, todo o seu sustento" (Mc 12,43s).

Trabalhei como secretário do movimento dos camponeses do Nordeste, a ACR (Animação dos Cristãos no Meio Rural, antiga Ação Católica Rural). Aí aprendi muito. Pe. Servat, francês, já há 10 anos no movimento, mostrou-se como grande educador. Isto porque me ajudou a refletir e a me ampliar a visão da vida, da vida do povo do nordeste, sob a perspectiva do evangelho. Um homem dedicado e comprometido, sua vida se resume no serviço que realiza de corpo e alma ao camponês, a quem ele conhece como se fosse um autêntico brasileiro. Certamente sua ascendência camponesa lhe deu condições para sentir e compreender o drama vivido pelo camponês nordestino. Nos encontros de ACR pude conhecer concretamente um trabalho pastoral específico e descobrir métodos de trabalho que partem da realidade da vida sem desconsiderar a novidade anunciada e vivida por Jesus, que no Nordeste encontrou no trabalhador das usinas e engenhos de cana de açúcar o Cristo crucificado hoje. Esta figura do Cristo crucificado na cana de

açúcar, pintado num quadro bastante expressivo, fazia parte da nossa sala de trabalho e sempre me impressionou. Não me posso esquecer desse Cristo. Pois o encontrei no campo, quando visitei alguns camponeses da zona açucareira próxima de Recife. Este Cristo me chamou muitas vezes: Vem, segue-me! Que chamamento!

O grupo da Cebola também foi um lugar onde vivi aquele diálogo a que me referia. Trata-se de um grupo de padres, freiras e alguns leigos que se reúnem semanalmente, para refletir a propósito da pastoral desenvolvida nas suas respectivas paróquias limítrofes. Reginaldo e Pedro, D. Maria, Adriano e Helena, Raminho e eu representávamos o córrego e a paróquia da Macaxeira. Sextas-feiras, depois de uma gostosa sopa de cebola (daí o nome do grupo), estudávamos com afinco a realidade das três paróquias, o trabalho pastoral que realizávamos, nossa própria vivência. Eram reuniões que proporcionavam descobertas novas em situações bem conhecidas. A interação do grupo, que fortaleceu sem dúvida o compromisso de serviço ao povo, a oração comum, os relatos das pessoas sobre o próprio trabalho, os relatos das pessoas leigas sobre suas dificuldades, enfim, a oportunidade de estabelecer em conjunto linhas pastorais de ação bem concretas e, ao mesmo tempo, muito bem refletidas, tudo isso foi de importância muito grande. A meu ver, este grupo serve de paradigma para um trabalho em conjunto tão difícil de pastores realizarem. Vale acrescentar que não se tratava de um grupo homogêneo e que houve sempre muitas tensões, nem sempre fáceis de resolver.

As viagens que fiz pelos estados de Pernambuco, Ceará, Maranhão, Piauí, Paraíba, me proporcionaram boas observações sobre a vida e as dificuldades maiores dos nordestinos. Foram oportunidades de conhecer a vida e o povo, um povo diferente do povo do sul, muito diferente. Era como se eu tivesse descoberto o verdadeiro Brasil. Não o Brasil das rodovias do café, dos arranha-céus, da Porto Alegre-Cidade Sorriso, mas o Brasil do povo sofrido, curtido, explorado e marginalizado de um processo de desenvolvimento que pode ser chamado de tudo, menos de humano. Um povo marcado no rosto com o sinal da fome e da penúria extremas.

Estes contatos me sensibilizaram. E me marcaram para a vida toda. Para mim não é mais possível falar de salvação e vida (às quais nos são oferecidas gratuitamente pela vontade livre e amorosa de Deus, o Deus de Jesus de Nazaré) sem ter presente diante de meus olhos aqueles homens marcados com suor e sangue, homens que conheci e que passei a amar com todas as minhas forças. E não foram poucos. São tantos ... Tantos sem o mínimo necessário para uma vida que seja humana, digna de gente, de filhos de Deus. Penso em homens concretos, trabalhadores da zona da cana, com um

salário de Cr\$ 7,00 a Cr\$ 10,00 por dia, que vivem em casas de taipa de chão batido, por vezes cobertas de palha, onde se vê um banco, alguns tamboretos, uma mesa, algumas redes que servem de leito, um fogão de pedra com uma chapa de ferro em cima, a cosinha preta por causa da fumaça, o rádio de pilhas, crianças barrigudinhas, magras e franzinas, a mulher muito quieta e recatada.

Um destes se chamava João Severino Rufino. Sua terra é pequena, uns 4 hectares. Nela ele planta macaxeira (mandioca), inhame, batata doce, pimentão, milho, uma agricultura de subsistência. Ele participa como animador da ACR. Homem pobre, simples, homem de idéias bem claras sobre a situação de exploração em que vivem a maioria dos camponeses nordestinos, homem de muita fé. Assim ele me escrevia em janeiro de 1975: "Aqui tudo está caminhando devagar ora animando ora meio frio. Mas se caminha apesar do caminho ser lento mais se vai porque o caminho do Cristo é ligeiro mas os homens são lento. São lento para ir no caminho de Cristo e da justiça; veloz para traçar as linhas fora da justiça e quebrar os planos de Deus".

De tudo o que foi dito, de modo despretencioso e espontâneo, eu gostaria de concluir, sintetizando o meu relato em dois pontos. Primeiro, o desafio que representou para mim a igreja católica do Recife. Trata-se de uma igreja que optou coerentemente pelos pobres, pelos mais fracos, isto de maneira clara e inequívoca. É uma igreja que de fato está comprometida com as camadas populares, com os marginalizados, os trabalhadores, as prostitutas, os pobres de Recife. Uma igreja, cuja ação pastoral procura refletir a vida do povo à luz do evangelho de Jesus Cristo. Uma igreja, que assim se apresenta muito dinâmica, criativa (é impressionante o que lá se faz em termos de cântico novo e encarnado), alvo de perseguição e denúncia por parte dos detentores do status quo. Uma igreja cujo pastor está proscrito de todo e qualquer órgão de informação no país, seja a imprensa escrita, falada ou televisionada, mas cuja voz se levanta sempre de novo para proclamar que a justiça é o único caminho autêntico que conduz à paz. Refiro-me a Dom Helder Câmara, o magro e pequeno arcebispo de Olinda e Recife, um pregador que arrebatava os seus ouvintes.

Segundo, o privilégio que foi estudar num Instituto de Teologia, cuja orientação é marcadamente pastoral, voltada para os problemas e questões do Nordeste, sem que isso diminua a seriedade e amplitude de seu trabalho e reflexão. Essa orientação me mostrou como a questão do ponto de partida para todo o estudo ou reflexão teológica tem de estar sempre bem claro. E como os compromissos assumidos previamente ao quefazer teológico se refletem na direção que se dá ao estudo e à pesquisa.

No mesmo lugar onde Roberto estivera em 1974, eu viveria uma nova e profunda "experiência" junto à comunidade e no contato diário com as pessoas do bairro. Na realidade não sabia eu, ainda, das dimensões e onde me levaria este período. Eu tinha em mente apenas conhecer, ouvir o povo. Entender sua situação e acompanhar o processo evangelizador que se desenrola ali. Desde o início não tive pretensões de conhecer muitos trabalhos ou entrar em contato com muitas atividades. Isto foi positivo, pois coloquei todo o meu tempo à disposição para o contato com as pessoas do bairro e às aulas do ITER. Do ponto de vista de uma visão mais ampla da situação nordestina pode-se argumentar que não foi positivo, mas esta vivência particular levou-me também a uma visão mais global da Igreja e da situação nordestina.

Como fiquei a maior parte do tempo no bairro tive muitos contatos com as pessoas dali. Sempre que saía a caminhar pelos caminhos arenosos, encontrava-me com alguém e muitas vezes ficamos conversando. Estas conversas foram importantes, pois através delas cheguei a conhecer a situação do pessoal, sua origem, atividades e dificuldades. Além destas conversas mais diretas, não poucas vezes fiquei ouvindo e observando as conversas dos botecos, dos jovens "desocupados". Também andei bastante pelos altos dos morros, o que me possibilitou ver a situação real destas pessoas. Vi seus filhos, falei com eles e vi suas casas sem piso. No período da tarde sempre saía caminhando pelo córrego, encontrando-me com dezenas de crianças brincando ou brigando; com jovens jogando bola ou apenas sentados sobre alguma escadaria. Mas com quem mais mantive contato foi com pessoas que conheci nas celebrações e nos grupos de Evangelização. Não raras vezes acompanhei algum bêbado tomando uma lapadinha e ouvindo sua história e devaneios. Esse bairro em comparação a outros, como por exemplo Nova Descoberta, não é de miséria e também não é tão populoso, mas apresenta as mesmas características, talvez não com tanta intensidade. É um bairro que se caracteriza pela transição de uma estrutura rural para uma estrutura urbana. Há uma mistura de características trazidas das áreas rurais e características da vida urbana, esta com tendência a dominar.

Não é fácil viver num bairro onde todos são praticamente desconhecidos e onde a maneira de vida é muito diferente a que vivi no sul. Este primeiro contato levou-me a uma crise da própria identidade, a uma crise das minhas próprias aspirações, mas que, teoricamente, havia me proposto. Crise que superei na medida em que fui me envolvendo na vida do bairro, na vida daqueles que me

receberam e que aprendi a amar; na medida em que fui compartilhando as esperanças desse povo, e não mais partindo de mim mesmo.

Ver e sentir os corpos sofridos do povo levaram-me a perguntar: por que eu ainda estudo teologia? Para que estudar teologia? O que é ser cristão nesta situação concreta? O que significa fazer teologia ou ser cristão quando se ouve o choro, a tosse das crianças nas altas horas da noite? Sentir as mãos calejadas, a ponto de fazer ferida, os rostos sofridos que representam os frutos da exploração, a marginalização de sua cultura de tudo enfim? Ver mulheres grávidas amareladas carregando latas d'água sobre a cabeça morro acima?

Estes homens, mulheres e crianças vivem num mundo diferente daquele mundo donde vim. Um mundo em clara contradição ao mundo da "Teologia" como vinha estudando no sul. Um mundo de miséria, de fome, mas um mundo muito humano, um mundo de uma cultura extraordinária. Um mundo massacrado e violentado pelos grandes. Um povo que sofre e é violentado diariamente, seja pela exploração do trabalho, seja pela negação de seus valores, de sua cultura, de sua própria existência. Um povo que é expulso do interior pelos latifúndios e marginalizado pela vida urbana. Este povo é violentado pela penetração sutil de uma cultura burguesa alienante veiculada pelos meios de comunicação. A cultura popular é marginalizada pelas elites intelectuais que "tudo sabem" e "tudo entendem". "O povo não é ninguém". Pois foi com estas pessoas que aprendi a ouvir, a sentir os clamores do sofrimento e a ter esperança. Dar língua aos "mudos", olhos aos "cegos", ouvido aos "surdos", é levar os homens a dizerem o que pensam e libertar o espírito que há neles. Isto não podemos dar como se dá dinheiro, mas precisamos do amor, da humildade e paciência de ficarmos ouvindo durante horas, para que suas línguas se soltem. Dizer a sua palavra é também criar comunhão entre o povo, unindo-se, formando a comunidade, um conjunto de pessoas humanas que enfrentam os mesmos problemas e preocupações, onde vão celebrar a esperança e procuram a força em Jesus Cristo. Ouvir o outro é o maior testemunho de fé cristã que podemos dar. Se ficamos ouvindo o outro é um sinal concreto que o reconhecemos como outro. Ouvir o outro não é querer reduzi-lo a nós mesmos, mas é olhá-lo como filho do mesmo Deus, portanto, um irmão que tem algo a dizer. A partir desta experiência de ouvir, perguntei-me qual é o lugar da pregação? Ainda há lugar para a pregação?

- 4 -

A falta do conhecimento e do contato com a realidade nos leva a um estudo que não tem muito mais que a "sabedoria humana". Esta falta de compreensão da realidade nos leva a um vazio e sem ver claro para que estudar, o que estudar e como fazer teologia. A falta de visão da realidade não permite ver o lugar que se ocupa nesta realidade; acabamos fazendo dos "nossos" objetivos e da nossa compreensão e de todos os demais seres humanos. Não se toma consciência de que se está auxiliando e se está sendo usado para massacrar ainda mais os oprimidos, consolando-os ou aliviando a consciência dos grandes. Isto leva a uma conseqüência grave: fazer uma teologia da glória, uma teologia abstrata, uma teologia "neutra" que não é outra do que a teologia do Status quo. Com isto perde-se de vista a Cruz, os pecados e desafios do nosso tempo e não há esperança, que é inerente à Cruz. Ter fé é aderir a Jesus Cristo Crucificado, o menino da mangedoura, é assumir a cruz do nosso tempo. Lutero deu testemunho de sua fé indo contra o poder constituído de sua época, a Igreja. Hoje dar nosso testemunho de fé é contestar as estruturas que se colocam acima do homem, acima do nosso único Senhor. Ir contra estas estruturas é ao mesmo tempo ir contra os privilégios que elas concedem a uma minoria, o que nos levará a situação de conflito. Deste fato não se pode fugir. Não estaremos criando conflito, mas estaremos denunciando o pecado e levando os homens a procurar caminhos mais condizentes ao Reino de Deus que se realiza através do agir dos homens. Será nesta procura, enfrentando os conflitos, que estaremos dando testemunho da nossa fé em Jesus Cristo. Para os homens e para a Igreja é mais fácil manter-se neutralidade, racionalizar para justificar-se frente aos homens e assim impedindo a ação de Deus, calando o Espírito que clama das profundezas da miséria e da pobreza. O Deus vivo se revela pelos acontecimentos e se não dermos atenção estaremos negando a Deus e obedecendo a um deus criado à nossa imagem e semelhança.

O contato com pessoas do bairro fizeram-me abrir os olhos e ver que fazer teologia não se faz a partir de teorias mas da realidade e que isto nos coloca diante do Evangelho e a tomar uma posição. O Evangelho partiu de um povo oprimido como este, partiu de pessoas do povo, assim como Cristo foi um homem do povo, dos oprimidos. Apóstolos também eram pessoas do povo. Mas eis que roubaram o Evangelho do povo. O Evangelho partiu de uma realidade humana concreta. Jesus Cristo tomou uma posição dentro dessa realidade indo contra os poderes estabelecidos o que o levou à Cruz. O Evangelho não tem apenas dimensões pessoais, mas mexe com toda a estrutura.

Num trabalho pastoral (a partir dessa experiência) não podemos encarar a mudança como uma possibilidade, mas como uma exigência do próprio Evangelho. O Evangelho só é Evangelho quando traz algo de novo e o novo necessariamente levará à superação do velho ou não é Boa Nova. O Evangelho de Jesus Cristo é uma mensagem de não-conformismo, de mudança desde o pessoal ao estrutural. Estas mudanças não podem ser pensadas ao nível pessoal, mas devem ser encaradas como mudança de estruturas. As estruturas são as que impedem a mudança das pessoas e vice-versa. É impossível pensar em mudar a situação das pessoas (salvação) daqui do bairro, em todos os aspectos (religioso, político, econômico, social e cultural) sem que se vise uma mudança das estruturas. Novas estruturas que possibilitarão o desenvolvimento global do povo, onde o amor aconteça, onde o amor seja realizado e realizável. Se as estruturas não permitem que o amor aconteça elas devem mudar, pois estas estão a serviço dos homens e não a serviço de si mesmas ou de uma pequena elite privilegiada. Estas mudanças estão acontecendo ali onde pessoas se unem e se reúnem para discutir seus problemas (ressurreição) que são também os problemas da sociedade. A mudança real surgirá dos pequenos, pois estes não têm privilégios para defender. Aqui o Evangelho, o amor cristão, tem a responsabilidade de contribuir para que as novas estruturas sejam mais humanas. As classes média e rica não estão interessadas em mudanças, pois estão fechadas dentro de si mesmas e vão batalhar para manter seus privilégios. Outra vez Lutero tem algo a nos dizer: "A fé e Deus são inseparáveis ... Alguns pensam ter não só o verdadeiro Deus, porque já possuem dinheiro (habilidade, inteligência, poder, misericórdia, amizade, honra). Nisto se confiam e se ensoberbecem de tal modo, com tal firmeza e segurança no que tem, que para eles não há nada que valha a pena". Para manter tais privilégios se mantêm e se montam estruturas que são transformadas em ídolos, um deus intocável. Absolutizam a sua ideologia e fazem tudo para que Moisés não quebre as tábuas da lei sobre ela, e abafam a força transformadora e libertadora do Evangelho. Para eles não existe força alguma que possa mudar e com isto armam-se cada vez mais para se protegerem e proteger seus roubos. A tendência destes é fechar-se cada vez mais como o marisco que percebe o perigo.

O povo com quem convivi não compreende o conjunto estrutural, mas percebe e sente que sua situação está cada dia pior e no aparente silêncio nota-se uma insatisfação crescente e uma ânsia cada vez maior pela Boa Nova. Percebi que muitos buscam no Evangelho a força para unir-se e falar o que pensam e sentem.

Uma mudança não será pacífica, como o atual convívio não o é, pois o opressor precisa desaparecer (Dt 15,2.4). O opressor que há em cada um de nós, e toma forma nas atuais estruturas precisa desaparecer para que todos possam ser gente, possam cumprir a vontade de Deus, que é ser completamente homens como Cristo o foi. Na teologia paulina poderíamos dizer para que sejamos homens santificados.

Nos grupos que participei reflete-se esta realidade e esta procura pela humanização e ali há uma igreja nascendo, onde o povo começa a libertar-se e a assumir suas tarefas. Ali vi concretizar-se o Sacerdócio Universal, que tanto se prega nas igrejas luteranas e pouco se vê disto nas comunidades. Estes grupos começam a expressar a sua teologia e interpretar o Evangelho, a partir de sua situação. São grupos que vão além da simples preservação da sua cultura e da contestação aos aspectos formais. Nestes grupos existe um movimento criativo que procura modificar o seu mundo, que procura agir cristamente nesta mudança e percebe-se uma não adaptação, mas uma nova síntese cultural e religiosa. Percebe-se isto nos grupos de reflexão onde iniciam a falar e a formular parábolas, não mais usando símbolos do meio rural (semente ...), mas começam a usar símbolos do meio urbano. Cito aqui uma das muitas parábolas que ouvi: "A palavra de Deus é como a energia elétrica. Ela está aí para se usar. Esta energia pode ser usada para gelar as coisas, assim como para esquentar as coisas", e acrescenta "nós precisamos usar o evangelho para esquentar, porque existem demais os que querem esfriar tudo e isto Jesus não quer".

O povo lê a realidade a partir do seu ponto de vista. Interpretam o mundo à sua maneira, mesmo que tenham que guardar para si e dizer que os "estudados" tem razão. Durante séculos a figura de São Severino dos Ramos foi exaltada como guerreiro, mas para o povo ele continua sendo aquele que abandonou a luta porque não queria matar os indefesos índios e caboclos (conversa que tive numa romaria a São Severino). O povo quando vê a propaganda num primeiro momento se revolta, mas como sabem que nada podem fazer, procuram uma justificativa para sobreviver e esta é dada pela elite (Deus quer assim), mas o que fica não é seu "fatalismo", mas é a revolta e a insatisfação que é descarregada nos companheiros e na família. Não é necessário pregar que existe injustiça, basta levá-los a explicitar o que está guardado no seu interior e junto com eles procurar saídas, abandonando as justificativas domadoras de consciências a controladoras da força popular para manter uma situação de injustiça, manter o Status quo. Este é

um processo de desmitificação dos mitos criados pelas elites, para fazer o povo parar de pensar e rejeitar sua própria interpretação dos fatos. Este processo levará a uma libertação e ao surgimento de verdadeiros profetas do meio popular. Conheci muitos destes profetas que buscam sua força na fé em Jesus Cristo, a fim de denunciar as injustiças e buscar com outros um mundo mais justo.

A religiosidade deste povo é de uma força desmedida e torna-se transformadora da realidade e é nela que buscam a sua força e esperança para continuar a luta pela vida, supremo dom de Deus. Seu mundo não é técnico-racional, mas é mítico-religioso. A linguagem técnico-racional é tão relativa e subjetiva quanto esta linguagem mítico-religiosa. O mundo é interpretado segundo aquilo que se acredita e o povo acredita na força divina, enquanto a sociedade tecnocrata acredita na ciência. No entanto há uma diferença profunda na aplicação dessas duas crenças, pois o povo com sua religiosidade procura a vida e a técnica está posta em função do capital. A religiosidade popular é uma maneira de manifestar sua contestação ao mundo tecnocrático, afirmando a vida, a cultura, a sua fé. Estive em Juazeiro do Norte onde este aspecto ficou claro. Fiquei observando os romeiros e entre as manifestações a que mais me chamou a atenção foi a prova de fé que uma senhora de meia idade deu. No horto da cidade milagrosa, o ambiente é de profunda espiritualidade e com grandes pedras. No alto de uma destas pedras encontra-se uma cruz e para subir até ela é necessário subir numa escada com apenas um degrau, o que torna a subida tremendamente difícil. Esta senhora após muita dificuldade conseguiu subir e ao chegar no alto voltou-se para a multidão gritando: "Viva Jesus Cristo! Viva Jesus Cristo, porque Ele me deu força!" Percebi que nestas manifestações há uma necessidade de fazer valer a sua fé e seus valores, provando a todos que Cristo está com eles. Uma afirmação da vida que lhes é negada.

Este aspecto transparecia nos grupos onde participei, nas missas da pequena capela, onde o Evangelho foi comentado por eles mesmos, e nas conversas. Há muita vida e há uma busca pela vida e nestes grupos procura-se a vida em comunhão e na inspiração do Evangelho e pela fé em Jesus Cristo e no seu Espírito que une e enche de esperança os corações aflitos.

Volto a perguntar-me: O que é fazer teologia? Com quem e a partir de quem e de que fazer teologia? Qual o agir do cristão nesta situação?

Quando se vive no meio dos pobres começa-se a descobrir que é o próprio evangelho que exige colocar-se junto a eles. É Deus mesmo que nos interpela e nos leva a fazer nossa caminhada junto

com os pobres. Quando se vive no meio da pobreza, quando começamos a pensar a partir deles, a partir dos explorados, o Evangelho não nos permite ficar calados, não nos permite ficar na neutralidade. Não se é profeta por vocação, mas porque a situação nos obriga a sermos profetas. A salvação toma um sentido bem mais concreto do que as interpretações burguesas. Esta salvação não é feita por um líder, mas é a união desse povo, na comunidade, na Igreja, que acontece a salvação.